ISSN: 1887-2417
ISSN-e: 2386-4362

Educação Ambiental em Ecovilas: uma etnografia sobre aprendizagem

Environmental Education in Ecovillages: an ethnography on apprenticeship

Luciele Nardi Comunello. *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS (Brasil)*

Resumo

Este trabalho busca compreender como e em que circunstâncias se aprende em uma Ecovila, como se articulam as propostas de aprendizagem no contexto de cursos, vivências e imersões nestas comunidades, procurando atentar aos elementos de uma espiritualidade New Age que fazem parte desse processo ao produzirem uma relação entre os seres vivos e o sagrado. As Ecovilas são comunidades que objetivam integrar um ambiente com baixo impacto ambiental, agregando design ecológico, Permacultura, energia limpa etc. Nesse contexto, a espiritualidade New Age apresenta características marcantes: interessar-se pelas religiões da imanência - como as tradições orientais -, possuir um forte apelo ao conhecimento e implicar uma forte relação entre a natureza e o sagrado. Assim, aparece relacionada à busca de um modo ambientalmente orientado de habitar o mundo que tende a postular relações mais simétricas entre humanos e outros seres. São apresentados aqui os resultados preliminares de imersão etnográfica em uma Ecovila do Sul do Brasil, que apontam a tendência à aprendizagem por engajamento na prática, com ênfase na presença de elementos da espiritualidade New Age na construção de significados para o mundo.

Abstract

This work aims to comprehend how and in which circunstamces people learn in an Ecovillage, how apprenticeship proposals happen in the context of courses, experiences and imersions in these communities, seeking to adress the elements of a New Age spirituality that constitute this process once they stablish an specific relation between life beings and the sacred. Ecovillages are communities which goal is to build an ambience with a low environmental impact, aggregating ecological design, permaculture, clean energy etc. In this comtext, the New Age spirituality presents strong carachteristics: interests on imanent religions - as oriental traditions -, a srtong appeal to knowledge and an assumed tight relation between the nature and the sacred. Thus, this spirituality is related to the pursuit of a more environmental oriented way of inhabiting the world, that tends to affirm more simetrical relations between human and other beings. There are presented here some preliminary results of an ethnographic imersion in an Ecovillage in South of Brazil, that suggest a tendency to apprentice through practice and engajement emphasizing the presence of new age elements on the construction of meaning to the world.

Palavras chave

Educação Ambiental. Antropologia Social. New Age. Ecovilas. Aprendizagem.

Key-words

Environmental Education. Social Anthropology. New Age. Apprenticeship.

UDC/ CEIDA/ UFMG

CC BY SA

DOI: 10.17979/ams.2015.2.20.1697

Introdução

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Doutorado[1] em andamento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil) e objetiva investigar modos de aprender em Ecovilas. Neste recorte damos ênfase às perspectivas de uma aprendizagem por engajamento na prática em seus atravessamentos pelo que consideramos uma espiritualidade *New Age*[2], que aparecem relacionados a este processo de aprendizagem, ao participarem da construção de sentidos acerca das relações humano-natureza em um contexto social, político e histórico específico: ***Ecovilas***.

Com isso, visamos a contribuir com as reflexões que já vem sendo realizadas pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar "SobreNaturezas" principalmente no que diz respeito aos esforços de articulação do campo da Educação com o campo da Antropologia, propondo relações possíveis entre práticas ecológicas e religiosas (CARVALHO; STEIL, 2008).

Diante do contexto de crise ambiental vivida pelo mundo contemporâneo, percebemos que a temática ambiental tem se tornado um atravessamento importante na construção dos modos de viver, inserindo-se na agenda de Movimentos Sociais e Políticas Públicas, além de constituir-se como corpo de normas que regulam nossas ações cotidianas. Nesse sentido, a Educação Ambiental aparece oferecendo um cabedal de normatizações para a conduta humana com relação ao ambiente, tornando-se uma espécie de balizador moral, ético e estético (CARVALHO, 2002).

Como resultante dos movimentos ecológicos da década de 60 -aliados à nova esquerda e ao pacifismo, carregando a bandeira de transformação social, contestação do consumismo e do materialismo vigentes na sociedade contemporânea (CARVALHO, 2002)– a Educação Ambiental acabou por se consolidar a partir da noção de natureza boa e externa ao humano, o que levou à denúncia da civilização e da cultura como fontes de desequilíbrio e males (CARVALHO, STEIL, 2009).

É nesse contexto que nos interessa compreender modos de aprender em uma Ecovila e seus atravessamentos pelas práticas de espiritualidade. Os processos de aprendizagem em Ecovilas parecem contribuir para a discussão acerca dos posicionamentos epistemológicos que tem sustentado as práticas em Educação Ambiental. Compreendemos os processos de Educação não formais vividos nessas co-

1 Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq–Brasil e Capes-Prosup.

2 No campo de pesquisa, meus interlocutores não utilizam esta expressão para se referirem a suas práticas espirituais. No entanto, como veremos ao longo deste artigo, conceitualmente, é possível realizar esta aproximação.

munidades como um conjunto de práticas que incluem o cuidado de si e do entorno *"como parte da formação de um sujeito virtuoso, em harmonia consigo e com o ambiente"* (CARVALHO, STEIL, 2009).

Mais do que um ideal de formação abstrata, no entanto, focamos nas práticas da comunidade, compreendendo que a aprendizagem é uma dimensão da pratica social e não uma prática apartada desses processos. Não é, portanto, uma aquisição de conhecimento proposicional, mas o que acontece na coparticipação social, no engajamento nos contextos de ação, na interação e consequente produção de determinadas habilidades. (LAVE, WENGER, 1991).

Com o objetivo de lançar o olhar para essas praticas que se constituem no cotidiano das Ecovilas, iniciamos com uma breve explanação sobre o que são Ecovilas, suas características e historia e, em seguida, a descrição do contexto estudado. A parte que segue explicita as implicações metodológicas deste estudo e, por fim, apresentamos os resultados e reflexões oriundas dos dados coletados no campo da pesquisa.

Ecovilas, Permacultura e Espiritualidade *New Age*

Inspiradas por esse mesmo movimento de contracultura que marcou o final da década de 60, comunidades intencionais começam a aparecer, buscando formas de vida alternativas ao capitalismo e à lógica da sociedade de consumo. Mais tarde, entre as décadas de 80 e 90, demarcaram seu enfoque ecológico/sustentável, passando a ser conhecidas como Ecovilas.

Segundo a *Rede Global de Ecovilas* (GEN)[3], elas possuem a intenção de mostrar como poderemos prosseguir em direção a uma vida sustentável no século XXI, lutando contra a degeneração social, ecológica e espiritual característica da sociedade contemporânea (2012). Em consonância com este propósito, BONTEMPO (2011) afirma que as Ecovilas são comunidades organizadas, integradas por aqueles que se identificam com a busca de harmonia com as leis naturais, por meio de um estilo de vida ambiental, econômica e socialmente sustentável.

Ecovilas ao redor do mundo tem se articulado com o objetivo de construir uma sociedade de comunidades sustentáveis. Movido por este intuito, nasceu o movimento mundial de integração das Ecovilas, que se fundamenta nas mais recentes discussões da ONU acerca da crise ambiental. A *Rede Global de Ecovilas,* registra, no ano de 2015, entre Ecovilas, comunidades tradicionais e comunidades intencionais, cerca de 404 experiências -

3 gen.ecovillage.org

345 nas Américas, das quais 95 concentradas na América do Sul.

Neste sentido, Ecovilas tem sido consideradas lugares para se construir soluções possíveis para os problemas do nosso tempo: limites do crescimento, crise ambiental e social, ausência progressiva de conteúdo significativo nas relações etc. Se propõem, assim, a ser modelos vivos de sustentabilidade. Atualmente, milhares de pessoas vivendo em Ecovilas ou outros tipos de comunidades intencionais tem buscado aliar práticas tradicionais ao modo de vida moderno (WALKER, 2005; CHRISTIAN, 2003).

Ao buscarem reduzir o impacto ambiental negativo de suas vidas no ambiente, vivendo de uma forma harmônica e respeitosa com a natureza, Ecovilas têm desenvolvido estratégias para lidar com a crise ambiental, tais como: princípios da *Permacultura* que incluem produção orgânica de alimentos, produção de energia limpa, destino adequado de resíduos, reaproveitamento e reciclagem, economia solidária e de troca, recuperação e conservação de áreas etc.

A intenção de serem lugares para o aprendizado de um modo de viver em maior harmonia com a natureza coloca essas comunidades como espaços férteis para que possamos nos perguntar sobre como aprendemos *"modos de viver sustentáveis".* Aqui e importante ressaltar que a noção de sustentabilidade, no contexto estudado, aparece associada à *Permacultura*.

A Permacultura, por sua vez, foi um sistema surgido na década de 70, na Austrália e se baseia em alguns princípios e premissas, a saber:

a) a crise ambiental é real e transformará a sociedade pós-industrial, de modo que a sobrevivência da população mundial está ameaçada;
b) os impactos desta crise tendem a ser mais profundos do que todas as mudanças ocorridas nas últimas centenas de anos;
c) os seres humanos estão sujeitos às mesmas leis que governam o universo material;
d) o papel dos combustíveis fósseis nas inovações da sociedade moderna é inquestionável;
e) o esgotamento desses combustíveis produzirá um retorno a padrões gerais observáveis na natureza (HOLMGREN, 2013).

Uma definição mais atual de Permacultura é a de

> *paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontradas na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais. (p.33)*

Assim, a Permacultura propõe a articulação das diversas dimensões da vida, desde manejo da terra, ambiente construídos, ferramentas e tecnologia, cultura e educação, economia, governança e bem-estar espiritual (HOLMGREN, 2013). Podemos dizer que a presença desses princípios marca um modo de estar engajado no espaço/ambiente e nas relações cotidianas entre humanos (entre si) e não humanos[4]. E é o modo de manejar estes elementos e, portanto, de estar engajado na vida cotidiana, bem como sua continuidade, que nos interessa neste trabalho.

A Permacultura tem como projeto uma visão que une materialismo e espiritualidade, realizando uma crítica ao projeto da modernidade que acabou levando à negação da dimensão espiritual da humanidade. É por esta característica, além de uma valorização da diversidade em diversos setores da vida, que a Permacultura se associa à religiosidade *New Age*.

Na pesquisa realizada por Leila AMARAL (2000) no Reino Unido, a Permacultura aparece descrita entre as práticas New Age encontradas em seu campo de pesquisa. Ha uma associação entre Permacultura e *New Age*, que também se faz presente em um dos principais livros de Permacultura publicado recentemente no Brasil *"Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade".*

DAWSON (2006), ao escrever sobre Ecovilas, enfatiza que diversas práticas compõem a criação de uma cultura holística, de paz, que envolve a educação das pessoas como um todo nesses espaços. Dentre essas práticas, podemos encontrar yôga, tenda do suor (ou *Temazcal*, na tradição indígena), danças circulares sagradas, meditação, terapias alternativas (ervas, aromaterapia, cromoterapia, heiki, acupuntura, terapia com cristais), bem como parto natural – visto como um ritual que recupera a dimensão espiritual do nascimento, negligenciada pela cultura ocidental moderna.

A mistura de elementos de diferentes tradições (celta, indígena, oriental etc.) está relacionada à característica de negação a qualquer hierarquia entre as religiões. Segundo LACROIX (1996) a *New Age* considera que todas as religiões e tradições conduzem à Verdade última. Interessa-se pelas religiões da imanência, de onde vem sua inclinação pelas tradições orientais, remontando os trabalhos da Teosofia. E também marcada pela recusa em confinar a dimensão religiosa aos limites da fé e por isso retoma as tradições esotero-ocultistas (alquimia, espiritismo, magia).

4 JACKSON e SVENSSON (2002) sublinham este aspect das relacoes ao definirem Ecovilas como comunidades de pessoas que decidiram viver de um modo sustentavel em harmonia com os outros (humanos e nao humanos) e a Terra.

De forma não-institucionalizada, a busca do *New Ager* é traçada em um caminho autônomo, em que cada indivíduo é dotado de liberdade para escolher as práticas capazes de conduzir à transcendência. Apesar de, nesse sentido, ser um território extremamente plural, há um lugar central entre estes conceitos ocupado pela noção de um interior sagrado no homem, uma centelha divina que habita o humano e que está ligada harmonicamente à natureza (CAROZZI, 1999).

No contexto das Ecovilas, uma relação humano-natureza mais simétrica parece expressar-se em múltiplas dimensões: econômica, social, espiritual e ambiental. São os significados produzidos no entrecruzamento dessas dimensões que estão em foco neste estudo, pois também aparecem relacionados aos processos de aprendizagem.

Etnografia

> *"Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda." (MERLEAU-PONTY, 1999)*

> *"Qualquer antropólogo que fez trabalho de campo sabe que o que fazemos é isto: colocar o nariz no chão e seguir pistas, uma coisa leva à outra, e vemos então que tudo o que acontece é parte dessa rede de coisas em que uma afeta a outra e tudo está interligado." (Tim INGOLD em entrevista para a Revista Sociologia e Antropologia, 2014)*

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma imersão etnográfica na *Ecovila Arca Verde*. A noção de etnografia aqui é inspirada pelas reflexões de Tim INGOLD. Em seu livro "*Making*" (2013, tradução nossa), ele relaciona o fazer do antropólogo com um conhecer desde dentro. Esse posicionamento do autor nos revela a impossibilidade de nos colocarmos diante da produção de conhecimento como observadores neutros e distantes, ao contrário, aprendemos quando engajados e comprometidos com os contextos nos quais estamos inseridos.

Diante disso, esta etnografia também busca assumir um compromisso com a vida, com o aprender com as pessoas neste caminhar, expandindo fontes de conhecimento e trazendo-as para a reflexão sobre como podemos construir uma "humanidade" para todos nós (MAFRA et.al., 2014).

Assim, nosso modo de fazer etnografia acompanha os esforços dos pensadores que se aglutinam no entorno das *"Epistemologias Ecológicas"*, no sentido de criticar o objetivismo e a possibilidade de um pesquisador neutro e externo ao seu ambiente de pesquisa, concebendo que a produção do conhecimento se dá justa-

mente por uma imersão do pesquisador no ambiente – entendido como *"a morada do pensamento"* (CARVALHO; STEIL, 2014).

Compreendemos nossos ambientes de pesquisa como caminhos que vão se constituindo e através dos quais nos juntamos aos nossos interlocutores para produzir conhecimento – "com" e não "sobre" o modo como aprendem a viver. Neste sentido, INGOLD (2010) dá o exemplo da atividade do cozinheiro, com a qual aprendemos enquanto o movimento de nossa atenção "acompanha" ou "segue" o cozinheiro ao realizar sua ação no mundo. Ouvir, olhar e – eu acrescentaria - estar junto e conviver, é acompanhar o outro, é seguir o mesmo caminho que ele está a percorrer, tomando parte nesta experiência ainda que por um tempo limitado. *"Ouvir, em suma, não é o inverso de assobiar ou falar, nem olhar é o inverso de fazer, pois ambos são orientados na mesma direção pelo movimento da consciência"* (INGOLD, 2010, p. 22).

Ingold situa o pesquisador, com seus sentidos e atenção, *"na convergência de linhas e fluxos de materiais que o atravessam e constituem como uma unidade generativa que chamamos mundo ou ambiente"* (CARVALHO; STEIL, 2014, p. 1). Entendida dessa forma, a etnografia é sinônimo de participação, que deixa de ser o oposto da observação para tornar-se condição para o conhecimento em um mundo em movimento contínuo, em que o pesquisador, imerso, é atravessado por estes fluxos (luz, sons texturas...) (CARVALHO; STEIL, 2014, p. 1).

A etnografia requer do pesquisador, além das habilidades de inserção, imersão no campo, uma atenção viva (MAGNANI, 2009), voltada para a cognição, emoção, motivação, percepção, imaginação, memória. Esta compreensão do trabalho etnográfico exige a abertura e o engajamento do sujeito *"no mundo e no coração da matéria por meio da participação e do compartilhamento de uma experiência comum que atravessa os seres e as coisas que habitam a mesma atmosfera"* (CARVALHO; STEIL, 2014, p. 1).

Foi a partir do engajamento nas experiências vividas, na participação e convivência, juntamente com observação participante, relatos em diários de campo e entrevistas, que me propus a refletir sobre e compreender a minha própria rota de aprendizagem.

O empreendimento de compreender a própria rota de aprendizagem faz referência ao processo de, ao caminhar com o outro, encontrar o caminho próprio da experiência – que se constitui no viver com, no mesmo movimento.

Assim, traçamos um caminho para produzir conhecimento em diálogo, ao "seguir" (no sentido que Tim INGOLD dá ao termo) os participantes de cursos, visitan-

tes e membros de uma Ecovila no Sul do Brasil. De setembro de 2013 a setembro de 2014, pude participar de cursos e vivências como: *Agrofloresta, Alimentação Vegetariana, Vivência de Saúde Integral, Permacultura, Pedagogia Waldorf, Bioconstrução, Voluntariado* e *Voluntariado* estendido. Dessas experiências extraí anotações em diários de campo, a partir de observação participante (ou participação observante, se quisermos enfatizar a importância do engajamento), enriquecidos com entrevistas.

O contexto da pesquisa: a Arca Verde

A Ecovila em questão neste estudo fica situada, desde 2009, na cidade de São Francisco de Paula, Estado do Rio Grande do Sul, região sul do Brasil. Localiza-se em uma área rural, a 945 metros acima do nível do mar, onde a vegetação e caracterizada pela presença de campos e floresta de araucárias; o clima e temperado, com temperatura media de 14°C. Existe desde 2005 (quando sua sede ficava em São Jose dos Ausentes, uma cidade localizada a cerca de 100 km ao norte de São Francisco de Paula) e foi criada com o objetivo de constituir-se um ponto de confluência de *"talentos, conhecimentos e vibrações positivas na construção de promoção da vida sustentável".* Considera que sua maior missão é *"criar um terreno fértil para que a natureza seja plena em sua abundância e as pessoas empoderadas em seus dons e sua espiritualidade pessoal, realizando novas ideias e tecnologias ecológicas, econômicas e sociais"*[5]. Recebe bimestralmente pessoas da região, de outras localidades do país e do mundo no intuito de disseminar suas práticas através de cursos, vivências e imersão, valorizando *"aprender uns com os outros e com os sistemas naturais, trabalhar com arte, amar com liberdade, dedicar a vida à divulgação da Permacultura e dos valores da ecologia profunda"* (p.1). Buscam, assim, trabalhar para promover a sustentabilidade na região onde se localizam.

Durante sua primeira década de vida, a Arca Verde tornou-se uma referência em Permacultura entre as comunidades da região do sul do Brasil. Uma significativa parte de sua economia advém dos cursos que organizam para pessoas de fora da comunidade, buscando compartilhar o conhecimento adquirido com a prática e a experiência. Assim, trata-se de um lugar

5 A referencia a "Arca" - onde se guardam tesouros - e o apelo a criatividade na invenção de alternativas, remetem a características do *Movimento New Age,* abordadas por TORRE CASTELLANOS (2012), que preveria que a "Era de Aquário" traria consigo a marca da criatividade, misticismo e equilíbrio com a natureza. A partir dessa tríade, surge uma rede de indivíduos que buscam transformar a si mesmos como meio para transformação social.

de experimentação e aprendizagem, onde se aprende na medida em que se experimenta – aprender fazendo.

A quantidade de membros é bastante variável, pois por vezes a Ecovila se torna um ponto de transição de pessoas. Durante este período de um ano, vivenciei, em um dado momento, uma comunidade composta de cerca de vinte pessoas e, em outro, de apenas sete. Existem ainda os membros da comunidade, que não moram no mesmo lugar, ainda que colaborem com o projeto.

Ao chegar à Arca Verde, é possível perceber as expressões da espiritualidade local nas paredes das casas, no interior dos ambientes: no *Yurt* (construção de bambu) central, imagens de Buda, orações em bandeirinhas coloridas e o quadro dos sete *chakras*, que remetem às tradições orientais; um pequeno altar, feito de uma base de tronco de árvore, com cristais, ervas, conchas, velas, remetendo aos elementos da natureza presentes nas tradições indígenas, sacralizados[6]; o labirinto para a meditação, o recanto da Deusa, o calendário que indica a regência dos planetas e sua influência astrológica nos dias do mês.

Ao conviver neste espaço, percebi que não era possível precisar onde começava e onde terminava a dimensão da espiritualidade no cotidiano dos moradores – apesar de não haver nenhum consenso sobre a questão da espiritualidade e algumas pessoas parecerem vivenciá-la de forma mais intensa do que outras. A vida cotidiana é constantemente atravessada por elementos dessa espiritualidade híbrida que parecem garantir uma conexão espiritual/transcendente através das coisas no mundo, significando-o como um espaço mesmo do sagrado. Além disso, os modos de viver essa espiritualidade em sua relação com o mundo também é afetado pela alta rotatividade de pessoas na comunidade e, com elas, variações nos acordos de convivência e, até mesmo, dos rituais partilhados. A comunidade parece estar sempre "se constituindo"[7].

6 Conforme lembrado por CARVALHO e STEIL (2009), espiritualidades como a Nova Era tendem a apresentar uma relação direta da natureza com o sagrado, resgatando elementos das *"tradições pré-cristãs, orientais e indígenas"* (p.85). O resgate de filosofias e tradições antigas como formas de contestar valores capitalistas e o materialismo da sociedade de consumo, reivindicando um olhar distinto sobre a natureza a espiritualidade individual e o conhecimento racional e experimental foi também marca dos movimentos de contracultura da década de 60, onde alguns autores localizam o berço do *New Age* (TORRE CASTELAÑOS, 2012).

7 MEYER (2009) nos ajuda a pensar, com o conceito de "Formação Estética", o carácter procesual dessa constituição. Esse conceito aparece como uma alternativa ao de "Comunidade Imaginada". O uso do termo "formação" no lugar de comunidade se dá no sentido de olhar menos para a comunidade

"Esses processos de formação 'moldam' sujeitos particulares através de imaginações compartilhadas que se materializam por meio de formas estéticas incorporadas". (MEYER, 2009, p.7). Por ser uma formação sempre em processo, instável em suas fronteiras, torna-se importante mapear as redes estabelecidas, reconhecendo os *"espaços de vizinhança"* que vão desenhando seus contornos e contexto - como se o próprio espaço se constituísse nas suas relações móveis com espaços de vizinhança - sítios e eventos de agricultura orgânica, sítios de práticas xamânicas, coletivos de inspiração anarquista, coletivos de alimentação vegana, iniciativas de educação informal, comunidades tradicionais (indígenas), centros de formação de parteiras, movimentos sociais, metodologias de autoconhecimento, centros de yoga e meditação, elementos das tradições hindu, africana, celta, indígena etc.

Nas conversas que tive com os moradores sobre espiritualidade, fica clara a ausência de uma unidade no tocante às práticas e formas de concebê-la. Apesar de terem a marca da coletividade nas práticas realizadas, o desenvolvimento espiritual é compreendido como sendo parte da caminhada individual, de cada um. Um opta pela prática de Yoga ou meditação, outra pelo uso da "medicina"[8], capaz de revelar importantes questões para o caminho da cura e do autoconhecimento, outra, ainda, reconhece nas danças circulares uma forma de contatar com o cosmo, com os mestres e, em sendo uma pratica sagrada, com os seres imateriais que nos rodeiam. Ao utilizarem de todo o tipo de prática disponível, consideram que todas levam "ao mesmo lugar". Com relação às práticas espirituais, não há um dogmatismo rígido, portanto, ao passo que parece existir um movimento de reflexividade (D'ANDREA, 2000) capaz de promover rupturas, produzindo identidades sempre abertas. Essa postura traduz referenciais incertos, flexíveis e provisórios que parecem transbordar para outras esferas da

como um grupo social fixo, com fronteiras claras e delimitadas, e mais para a formação como um processo contínuo, dinâmico. Assim, este conceito refere-se concomitantemente à comunidade como uma "entidade" – não abandonando a própria ideia de comunidade - e também ao seu processo de constituição/produção. Já a perspectiva da estética retoma a importância do papel dos sentidos e das sensações, da materialidade das coisas na construção da imaginação e dos significados sobre o mundo e sobre o sagrado, que passam a ser compartilhados por um conjunto de pessoas. Assim como para esta autora, interessa-nos, neste trabalho colocar em foco o processo através do qual a imaginação se materializa em uma experiência real e, a partir dela, pode ser compartilhada, criando contextos de aprendizagem. Neste texto, nao abandonamos a noção de comunidade, até mesmo porque ela é assim reconhecida por seus membros, mas sublinhamos seu caráter efémero, dinâmico, móvel.

8 O termo medicina, aqui, aparece relacionado ao uso de ervas e plantas para auxílio no processo de autoconhecimento e cura, processos que estão intimamente relacionados.

vida, como por exemplo, nos acordos de convivência realizados pela comunidade, que também são mutáveis e contingentes, o que exige um exercício de diálogo constante. Segundo D'ANDREA (2000), *"a reflexividade envolve a incorporação rotineira de novos conhecimentos e informações nos ambientes de ação que são assim reconstituídos e reorganizados"* (p. 17). Mais uma vez, essa atitude diante do mundo parece estar presente transversalmente neste modo de viver "sustentável", onde o caráter da experiência é enfatizado – no manejo da Agrofloresta, no encontro com os animais pelo caminho, na observação dos efeitos da lua, na participação do fogo e da água nos afetos, humores e processos relacionais da comunidade. O lugar da diversidade, abertura e ecletismo com relação às práticas espirituais vividas na Arca Verde vem ao encontro da própria percepção do Movimento New Age acerca da busca individual, que é endossada por AMARAL (2000) quando afirma que a Nova Era enfatiza a *"liberdade da diferença", tanto em termos culturais, quanto nos aspectos idiossincráticos das personalidades individuais"* (p. 33). Com relação a isso, A Arca Verde apresenta-se como espaço que abriga uma multiplicidade cultural intensa, acolhendo pessoas de distintas nacionalidades, línguas e costumes.

Na medida em que seus membros se dedicam com afinco a uma ou outra atividade, ganhando uma espécie de experiência acumulada em determinada pratica tornam-se facilitadores dos cursos. Os cursos ministrados pela Arca Verde ao longo do ano são definidos em conjunto pela comunidade e são constituídos pelas práticas que estão sendo cotidianamente experimentadas no espaço da Ecovila.

Das mais diversas experiências em cursos e em convivência cotidiana em comunidade, pude participar de práticas como: Agrofloresta, bioconstrução, colheita, cozinha coletiva, meditação, yôga, medicina *ayurvêda*, *pedagogia Waldorf,* danças sagradas, alimentação viva e probiótica, atividades de manutenção, rodas de mulheres, cosmética natural, meditação no labirinto, tenda do suor (*Temazcal*), vivencias junto a natureza, manejo do banheiro seco, manejo da água, manejo de composteira, aproveitamento do recursos energéticos, etc. Dessas experiências extrai pequenas vinhetas para refletir sobre a relação da aprendizagem em seus entrecruzamentos com a espiritualidade e a experiência estética, na (re)produção de um *ethos* ambiental.

Aprendizagem: coparticipação, espiritualidade e experiência estética

Quando nos perguntamos sobre os processos de aprendizagem, nesta pesquisa, a conceituamos em consonância com o

trabalho de Jean LAVE e Etienne WENGER (1991) sobre aprendizagem situada. Aprendizagem situada neste caso, não se refere somente ao fato de ser uma pratica situada em um tempo e espaço específicos mas, mais do que isso, a aprendizagem como algo que não se constitui como uma pratica em si mesma, mas como elemento intrínseco a qualquer pratica social. A partir dessa abordagem, passamos a compreender a aprendizagem menos como um fenômeno que trata de processos cognitivos e estruturas conceituais em uma mente individual e mais como um processo de coparticipação social e criação de contextos – entendidos como condição de aprendizagem.

Olhar para a aprendizagem deste modo significa compreender que a habilidade de uma comunidade em (re)produzir-se ao longo do tempo deriva menos de um conjunto de crenças transmitidas e mais da manutenção de certos modos de coparticipação incorporados. Ao falarmos em reprodução no entanto, não nos referimos a um processo fixo, rígido, inflexível, mas sim de processos de continuidade e aprendizagem por improvisação, na interação presente e a partir de processos emergentes que não podem ser reduzidos a estruturas generalizáveis (LAVE, WENGER, 1991).

Assim, nos focamos tanto nas práticas de cursos e vivencias oferecidos pela Arca Verde, quanto em vivências do cotidiano, que expressam "modos de ser sustentável" como dimensão de práticas sociais que constroem contextos de aprendizagem, em que a coparticipação de elementos não humanos se faz presente.

Pousando a atenção sobre a materialidade das práticas frequentemente atravessadas por elementos da espiritualidade *New Age*[9] é que podemos compreender a mediação de elementos como a música e os corpos, produzindo comunhão nas danças circulares sagradas; a presença do fogo como elemento que transmuta emoções e é capaz de atuar na mediação dos conflitos entre os membros da comunidade, ou ainda de operar limpezas (emocionais, psíquicas, espirituais) assim que as pessoas chegam ao local, ou mesmo se misturando com pedras e ervas para pro-

9 A *New Age* se caracteriza por ser uma "religiosidade caleidoscópica", um "sincretismo em movimento". Como herança dos movimentos de contracultura, é comumente associada a comunidades alternativas. Abriga discursos de autodesenvolvimento, uma espécie de aposta no melhoramento humano para os novos tempos, apresentando também propostas terapêuticas, de cura, contemplando experiências místicas e filosofias holistas. Inclui elementos esotéricos, tradição oriental e indígena. Está ligada ao movimento de *"sacralização da natureza e encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior"* (AMARAL, 2000, p.16). São basicamente essas características que motivam a utilização do conceito de New Age, apesar de nao ser tratada desta forma pelos interlocutores e de abarcar um universo de práticas e propósitos muito distintos entre si.

duzir vapor e provocar suor – e purificação – em um Temazcal; a atuação de cristais e incensos que atuam na purificação e proteção dos ambientes; a forte presença dos animais de poder que ensinam com suas "aparições" e das plantas que curam.

"Quando a gente se coloca como aprendiz, o Universo todo ensina": aprendendo com as coisas-rituais, cotidiano e a relação entre os vivos

Foi em uma das conversas que tive com uma moradora da Arca Verde que ouvi a frase que tornou-se titulo desta sessão. Ela tornou-se emblemática ao longo de minhas incursões em que chamou-me a atenção o modo como se dá a relação entre os vivos[10] neste espaço.

A observação dos animais que cruzam o caminho cotidianamente, a coabitação com cobras, ratos, aranhas; a cura das plantas e as coisas que podemos aprender observando a relação com a lua, levaram-me ao entendimento de que esses elementos poderiam contribuir para a reflexão acerca do "borramento" da fronteira natureza-cultura, pela agência dos elementos naturais, como partícipes da "ação significante" no mundo (INGOLD, 2000 apud CARVALHO; STEIL, 2009).

Por meio da perspectiva da cura –com plantas, cristais, com homeopatia, com auxilio das bactérias ou ainda percebendo sintomas como caminho para o autoconhecimento– as pessoas com quem aprendi falam de um corpo-espírito que recursivamente, cura e é curado pelo ambiente ao seu entorno[11] enquanto se é possível aprender com ele. Através da noção de cura/aprendizagem, os moradores e visitantes da Arca Verde *"parecem expressar um compromisso não apenas com o bem-estar individual, mas também com a restauração do bem-estar na vida quotidiana, na comunidade - dos vivos - e com a integração planetária"* (AMARAL, 2000, p. 61)

Os "processos" de cura e autoconhecimento estão relacionados a uma busca de conexão entre todos os seres e de um aprendizado que se pode obter dessa relação. Todas as práticas espirituais empregadas parecem ser utilizadas para promover a "reconexão", seja por harmonização das vibrações, com a prática de *Reiki*, uso de plantas e cristais; ou pela purificação do corpo-espírito, através dos cuidados

10 Utilizamos aquí a noção de vivos como alternativa a categoria dicotômica humanos-nao humanos.

11 AMARAL (2000) encontra em seu estudo sobre *New Age* uma relação estabelecida entre a percepção de processos de cura e processos de aprendizagem diante da interação com o "cosmo", com o "universo".

com a alimentação, cura *Ayurvêdica*; pela reconexão consigo e com a natureza, com as danças sagradas, meditações.

Nesta linha, nos interessa olhar para a participação das coisas nos aprendizados cotidianos, enfatizando a relação entre os vivos no processo de significação do mundo.

a) **Rupturas cotidianas: *aprendendo com os animais***

> *"- Brígida, você sabe o que significa a cobra?*
> *- Segundo os antigos, a cobra é um sinal de transformação, porque ela tem toda essa coisa de trocar de pele, de passar por este processo de transformação... por quê?*
> *- Tem uma cobra linda se apresentando para mim no paiol. A gente tá morando ali juntas... no começo me assustei, pedi para os meninos olharem. Mas eles disseram que não era venenosa, então deixei ela ali. Mas já avisei a ela para ficar no canto dela e eu no meu. Esses dias ela ficou me encarando e eu encarando a ela... tentando entender o que ela estava ali para me dizer..."*

Parar e observar a aparição de animais no cotidiano, bem como coabitar com eles e uma pratica não rara nesta comunidade. Aprender com essas aparições, ao interagir e observar cuidadosamente os movimentos e ações desses animais, e considerado parte de um processo de reconexão e autoconhecimento e, portanto, de aprendizagem e cura. Podemos perceber as diferentes dimensões/camadas desta interação – de um lado, uma referencia abstrata ao simbolismo da cobra e, de outro, um engajamento com sua materialidade, a partir de seus movimentos e ações. A materialidade atualiza a interação com o simbólico.

A aparição dos animais: ratos, aranhas, cobras, lagartos e morcegos, provocam diferentes respostas em diferentes pessoas. Provocam reflexão e participam da negociação de sentidos sobre o mundo, sobre as pessoas em seu engajamento no mundo, como quando alguém reconhece na aparição do animal o seu animal de poder[12].

A presença dos animais também cria um contexto propício para aprendizagem a respeito de emoções como medo, perdão e compaixão, sobre espaço, vida e morte, a medida em que se refinam os sentidos para perceber o entorno em suas sutis nuances, estabelecendo aberturas para outros diálogos e comunicações entre os vivos.

Às vezes podem ser caçados e mortos e, outras, respeitados por serem considerados animais de poder cuja observação e interação nos podem produzir insights sobre nós mesmos e nossos desafios.

---

12 A noção de "animal de poder" é herdada do xamanismo, amplamente divulgado pelo antropólogo Carlos Castañeda, inúmeras vezes citado em conversas no campo de pesquisa.

> *Não é sempre que um animal de poder se apresenta assim para alguém. (...) Brígida prefere a interpretação espiritual, a compreensão dos animais de poder e a compreensão de seus ensinamentos e simbologia, como era para os antigos – a presença dos animais não se dá ao acaso. (Diário de campo)*

A aparição dos animais não se dá por acaso e muda a "ordem do dia" fazendo parte de ensinamentos que podemos ter se estivermos atentos. A atenção educada e os sentidos afinados para perceber informações do entorno caracterizam uma forma de interação entre os vivos. TORRE CASTELLANOS (2012) relata estudos que encontraram uma associação entre comunidades que identificavam a si mesmas como new agers e os movimentos ecológicos. Estima-se que essa associação seja feita em função da simetria ontológica presente entre as crenças *new agers*, como o panteísmo, o gnosticismo e a pseudociência baseada nas noções de "energia". Na Arca Verde, não existe uma identificação com o termo New Age, mas existem momentos em que se vive uma relativa simetria, quando se constróem aberturas para "aprender com o Universo" e com os outros seres.

b) **Aprendendo com as plantas que aprendem**

Na Arca Verde o processo de cura com as plantas inicia pelo cultivo: aprender a observar a planta, comunicar-se com ela, perceber do que precisa- da quantidade de água e luminosidade etc. Trata-se de um processo de interação e experiência. Uma pratica utilizada por um dos interlocutores para a troca de informações entre humanos e plantas e colocar uma semente da planta que esta sendo plantada na boca, mantê-la por algum tempo com a saliva, senti-la e depois ingeri-la. A planta pode nos fornecer informações desse modo, que serão incorporadas, melhorando as habilidades para o seu cultivo. Pode-se, assim, aprender com as plantas, incorporando conhecimento, ao mesmo tempo em que as plantas podem aprender com seu cuidador. Para uma planta de poder ou de cura pessoal, seu cuidador deve dar o máximo de informação sobre seu corpo, para que a planta possa desenvolver a cura de que necessita. Essa informação pode ser dada para a planta através da urina, da saliva ou ainda, na melhor das hipóteses, do sangue menstrual, que possui muito mais informações sobre o corpo, sua composição e suas carências (minerais, vitamínicas, energéticas).

Educar a atenção para perceber a qualidade das plantas espontâneas no entorno também e importante para um curador. Como afirma um interlocutor, as plantas que crescem espontaneamente em um determinado local podem indicar o tipo de problemas de saúde vividos por humanos habitantes daquela mesma região. Ha, nessa perspectiva, o reconhecimento de uma inteligência coletiva, composta por humanos, plantas e animais.

Plantas também podem conduzir humanos ao autoconhecimento, mostrando caminhos para a auto-percepção. Um exemplo de plantas que ensinam, e a ayahuasca, espécie de raiz utilizada em rituais para promover visões internas e autoconhecimento[13]. Vivências de autoconhecimento como esta, com o auxilio de plantas são relatadas pelos participantes dos cursos e vivencias.

Essa busca pela experimentação e pela sensação de conexão com a terra, com o cosmo, com as forças da natureza também aparece quando uma de minhas interlocutoras se descreve "na força"[14] de uma erva de poder. O corpo –como coisa, no sentido dado por Ingold- se abre à planta, que adentrando produz cura e aprendizagem, abertura à dimensão do desconhecido, por insights, visões ou efeitos corporais de purificação (como o vômito, a urina e o suor, por exemplo).

c) **Experiência estética e abertura: *a participação dos quatro elementos no ritual do Temazcal e as danças circulares sagradas***

O "templo" que acolherá o Temazcal – ritual da "tenda do suor" - é construído para cada ritual. Oito bambus se curvam, com suas extremidades tocando o chão em dezesseis buracos que formam um circulo - para os bambus tornarem-se, assim, uma espécie de domo. Três cipós compridos são amarrados em volta do domo, demarcando os quatro diferentes planos de existência. (...) No ritual, mulheres que estão em sua lua (período menstrual) devem carregar uma linha amarrada na cintura com três "rezos" - pequenos pacotinhos de tecido recheados com tabaco, feitos pela mulher que os carrega, com a intenção de proteção. (...) Isso acontece porque em sua lua, a mulher fica "mais aberta". O tabaco se encarrega da proteção (...)

Ao entrar na tenda nos posicionamos em círculo. No centro, um buraco, onde são colocadas as pedras incandescentes. A tenda do suor é a vivência de aproximação com "o útero da mãe terra". As pedras, chamadas de "abuelitas", apresentam-se como a ancestralidade da terra, suas memórias. Ervas aromáticas e resinas sagradas, com seus potenciais curadores e de limpeza - por isso chamadas de "medicina" - são cuidadosamente jogadas sobre as pedras para que produzam o vapor responsável pela "purificação". (...) Cada etapa de entrada das pedras chama-se "porta" e cada uma delas é dedicada para um dos 4 pontos cardeais – e para as entidades imateriais relacionadas a eles. (...)

As sensações corpóreas convergem para a vivência de mistura/integração com a terra (chão), o ar (compartilhado),

13 ALBUQUERQUE (2012) desenvolveu interessante estudo sobre educação, epistemologia e a ação das plantas, em especial da ayahuasca.

14 Termo utilizado pelos meus interlocutores para designar o estado em que estão sob o efeito de alguma planta de poder, como o tabaco, por exemplo.

> *o fogo (das pedras incandescentes) e a água (vapor) (...) (Diário de campo)*

A purificação física, mental e espiritual proposta pelo Temazcal é um efeito da ação conjunta do fogo, das pedras, das ervas aromáticas e resinas sagradas e medicinais, da água jogada sobre as pedras, do ar que se torna "meio" para a viagem das partículas de vapor... O fogo também aparece como agente de purificação em outros contextos, como quando os participantes de um curso chegam à Arca Verde e são convidados a passar pelo fogo nas boas vindas, para passar por uma espécie de purificação ou limpeza "deixar de fora as preocupações e as coisas todas/energias que trazemos com a gente lá de fora". A fogueira pode ser ainda "transmutadora" de energias e intenções, estando presente no ritual de passagem de ano, ou atuar na mediação de conflitos entre os membros da comunidade, quando fazem a partilha ao redor do fogo.

No Temazcal, o tabaco, que em outros momentos seria fumado para também produzir limpeza espiritual, une-se ao tecido e às amarras de barbante para garantir proteção. A tenda do suor torna-se um emaranhado de linhas, no sentido que INGOLD (2012) dá a ele, repleto de coisas que sempre vazam, transbordam de suas superfícies.

Rituais como o Temazcal, como o uso de plantas como caminho para o autoconhecimento *"parecem ser movidos pelo desejo de abertura para o resto-do-que-é* (VAN DE PORT, 2011, p.176), como uma *"dimensão do ser que não pode ser positivada"* e que *"resiste aos nossos discursos, proibindo o fechamento simbólico dentro do reino do conhecido".*

Assim, entendemos que rituais, como contextos de aprendizagem através da experiência estética (aumento das sensibilidades, produção de outras sensibilidades), podem estar associados à construção de uma ética ambientalmente orientada, à medida em que atuam no alargamento dos horizontes e na abertura ao grande outro (natureza como alteridade).

RABELO e SANTOS (2011) escrevem sobre os modos de aprendizagem em um terreiro de candomblé, considerando que o desenvolvimento de habilidades –capacidades para ação e percepção do ser orgânico como um todo- se dá por um engajamento ativo do corpo em contextos multissensoriais carregados de significado. Buscamos estabelecer aqui uma ponte entre a perspectiva de aprendizagem por engajamento ativo do corpo no ambiente (INGOLD, 2013, tradução nossa) – neste caso, rituais - com a experiência estética, sublinhando a importância da aisthesis (dos sentidos) no acesso ao mundo e na conformação de aspectos pré-racionais que, de certo modo, definem um ethos, uma forma de estar no mundo e de se relacionar com ele.

Os rituais New Age têm o potencial de transformar espaços na natureza em espaço sagrado, porque espaço do encontro, da conexão consigo e com o outro, que pode ser a própria natureza e as entidades imateriais por ela presentificadas. Nas danças circulares, o contato com a terra, os pés descalços e a imersão na música, nos mantras e no movimento sincronizado dos corpos -conectados pelas mãos– parecem transformar o circulo em um só organismo. A sincronia do movimento depende da sensibilidade dos corpos para perceberem um movimento que os transpassa e que move a todos - cada um em seu improviso vai aos poucos se deixando levar pelo fluxo da dança, ao ajustar, educar a sua atenção se deixar afetar. É preciso sintonizar com o ritmo, com a melodia, com o tempo do outro.

Ao iniciar uma das oficinas de *Danças Circulares Sagradas,* a facilitadora solicita que todos presentificassem ali o seu Mestre, fosse ele uma dimensão de si mesmo, uma entidade, um santo ou Deus. Afirma que não importa a forma como cada um o concebe, o importante é evocar essa força do Mestre, independente de que nome tenha. Em outra prática, destinada ao feminino, pelo dia de Iemanjá, começa pedindo para que todas as mulheres presentes na roda evocassem a "Grande Mãe", a "Deusa", independente de como a reconhecessem - conta que o primeiro contato que teve com a Grande Mãe foi através de Maria (Nossa Senhora, mãe de Jesus na tradição cristã), mas que depois conheceu muitas de suas formas[15].

> *A facilitadora faz tocar um mantra vocalizado em sânscrito: "Baba Nam Kêvalam", que significa –conforme sua explicação- "o amor é tudo o que há" e propõe o movimento do círculo, demonstrando como deveria ser feito pelos demais. Como ocorrera nas outras músicas, alguns participantes ficaram preocupados em como deveriam fazer o movimento de modo correto e ela assegura "segue o movimento do círculo". No início, movimentos mais duros, risadas desconcertadas, olhares furtivos, tímidos... mas aos poucos, as vozes foram silenciando, o movimento foi ganhando leveza e se tornando mais síncrono, os corpos pareciam sintonizar, imersos em um mesmo som, embalados pela mesma melodia – uma sutileza que parecia revelar a intensidade da experiência. Cada um criava, no improviso, um modo de se movimentar com o outro, experimentando outras possibilidades de ser em movimento. Nesta dança, havia o toque das mãos, formávamos pares alternados e por alguns instantes*

15 Interessante observar que, nesta ocasião, havia no altar uma imagem de Tara Branca, uma manifestação do feminino na tradição budista. Leila Amaral sublinha a qualidade heterogênea do Movimento New Age, atentando para a dificuldade em encontrar um termo que abarque esse fenômeno, descentrado e errante. Os elementos religiosos, espirituais, místicos – rituais e mágicos – são reinscritos em uma alta diversidade de significados e usados para uma pluralidade de intenções (Carozi, 1999).

> *olhávamos olhos nos olhos um do outro e nos saudávamos, com uma reverência. Em outro momento da dança, o movimento sugere uma oferenda ao outro – 'o Deus que está em mim saúda o Deus que está em você'. Abre-se espaço para a entrega descontraída. O movimento foi aos poucos, tornando-se significado sentido, vivido, experimentado. Já nas primeiras voltas, muitas pessoas estão com os olhos marejados, lágrimas correndo nas faces; visivelmente emocionadas sorriem e se embalam com o movimento dos corpos ao som da suave melodia do mantra... (Diário de campo)*

Sobre o movimento dos corpos no aprendizado da capoeira, INGOLD (2013, tradução nossa) observa o modo como um organismo humano passa por crescimento e transformação (fisiológica, neuro e psicológica) através dos seus movimentos e posturas. Corpos, em sendo vivos, nunca estão prontos ou acabados, mas sempre em processo de fazer-se. Suas habilidades são menos fruto de esquemas internalizados do que efeitos de uma autoexploração cinética (propriocepção).

No contexto das danças circulares, poderíamos dizer que a sincronia do movimento se dá menos porque os participantes internalizaram a lição, do que porque se entregaram ao movimento que os atravessava, conduzia. A noção de internalização ou "embodiment", na visão de INGOLD (2013, tradução nossa), ainda preserva uma dicotomia ou separação entre o órgão responsável pelo autoconhecimento e o sangue e a carne. Propõe, desse modo que a chave para compreender ambos, autoconhecimento e vida orgânica é movimento. Nós não somente nos movimentamos, mas somos o nosso movimento. Ingold defende que a noção que temos de nós mesmos não pode ser separada da sensação que temos de nossos próprios movimentos em um mundo cinestésico. Assim, compreende, inclusive a interação humana, concebendo que nós não experienciamos uns aos outros como invólucros, mas simultaneamente como "movedores" e "movidos" em correspondência aos que estão ao nosso redor. Por isso, conclui, a dança é tão capaz de iluminar o que significa não apenas viver no mundo, mas viver para mundo. Isso nos possibilita pensar como o engajamento em um só movimento compartilhado, pode produzir conexão –vivência para além da subjetividade, que transborda no encontro com o outro– trazendo o movimento sincronizado como a própria experiência da intersubjetividade/do Outro.

A noção que temos de nós mesmos, aliada ao autoconhecimento e ao movimento do corpo também está presente nas práticas de yôga, em que movimentos do corpo são movimentos da consciência, das emoções e da percepção; e nos partos em que uma experiência corpórea intensa (de dar a luz) e vivida igualmente como um renascimento emocional e espiritual, uma vivência de cura, conexão e autoconhecimento.

d) **Os conselhos da lua**

Na Ecovila Arca Verde, a lua é testemunha e conselheira e sua presença tem força atuante sobre muitas esferas da vida cotidiana. A lua afeta os humores, os estados emocionais, principalmente das crianças, que são mais sensíveis às suas influências. Ainda assim, mesmo adultos tendem à introspecção a medida em que a lua se aproxima de sua fase nova e tende a se tornar mais expressivos e extrovertidos quando a lua se aproxima da fase cheia. A lua aconselha as datas dos partos ("os bebês adoram nascer na lua cheia) e as datas dos cursos que são marcados considerando as fases da lua.

> *"Uma vez, marcaram um curso na passagem da lua minguante para a lua nova e não foi legal: um monte de pessoas desistiu na última hora; as pessoas que foram, estavam mais introspectivas, sem toda a energia à disposição para o aprendizado.*

Na ocasião de um curso de Agrofloresta, um dos facilitadores explica que há uma relação direta da lua com a água, uma relação magnética. Por isso a lua coordena as cheias das marés e também possui influência considerável sobre nós humanos, que temos o corpo composto de água, e das plantas igualmente, pois elas são constituídas de aproximadamente 80% de água.

Observar a lua é essencial para as práticas de manejo da Agrofloresta: a força da lua, quando está cheia, conduz a seiva –ou a energia– da planta toda para os galhos e folhas. Ao contrário, quando a lua está nova e, portanto, menos ativa, a seiva ou energia da planta se acumula nas raízes. Assim, a lua aconselha o tempo de plantio, o tempo de poda, o tempo de colheita.

A lua também orienta o feminino: quando a "lua da mulher" (menstruação) chega na fase nova ou crescente, isso significa que ela está vivendo mais com o "arquétipo" da mãe, de Hera. Ao contrário, quando a lua chega na fase cheia, a mulher está vivendo o "arquétipo" da donzela, Afrodite. Ambos "arquétipos" se traduzem em disposições corporais e práticas, estando a mãe mais ligada às habilidades do cuidado e a donzela ligada às habilidades da sedução. As luas regulam o ciclo menstrual e também falam das disposições desse "feminino", inscritas no corpo.

Consideracoes Finais

Práticas cotidianas como o plantio de jardins (plantas de cura) ou a coabitação com animais podem ser compreendidas como práticas igualmente espirituais, de autoconhecimento e conexão com o cosmo. Esse forte apelo à ideia de religar ou estabelecer conexão com o cosmo e o habitar o mundo onde há simetria entre os vivos -porque há troca e comunicação, além

de aprendizado mútuo– também remontam às características da espiritualidade New Age e compõem a construção de um ethos ecológico caracterizado por uma simetria entre os seres.

No campo da educação, ao considerarem sua dimensão ética, ORBE BONDÍA e SANGRÁ (2006), enfatizam a educação pela experiência como modo de alavancar um pensamento (não metafísico) que possa dar conta da singularidade, da contingência, da ambivalência e da incerteza. Desejam assim demarcar uma crítica à educação caracterizada pela neutralidade, pela linguagem impessoal, pela racionalidade técnico-científica, pela padronização e regularidade e pelo foco na eficácia.

Enfatizam a aprendizagem pela experimentação corpórea –o corpo como lugar da experiência- relacional e sempre situada. Para essa abordagem a educação é sempre uma experiência relacional que não tem significados prontos, dados, mas que diz respeito à criação e aos sentidos para as experiências vividas, sentido este que deixa sempre abertas as possibilidades de novas e múltiplas significações da realidade.

Neste ponto, ORBE BONDÍA e SANGRÁ (2006) defendem uma pedagogia da finitude, crítica à metafísica, que entende a ética como O modo como os seres humanos nos relacionamos com os demais, e a resposta responsável que cada hic et nunc oferecemos ao outro. Desde a perspectiva de uma pedagogia da finitude, há ética porque os seres humanos somos seres sensíveis, estamos abertos a um mundo incerto, a umas relações com os demais e conosco mesmos, que não se pode resolver a priori Há ética porque há imprevisibilidade e ambiguidade. (p. 251)

Podemos compreender, a partir dos argumentos citados o essencial papel da experiência estética na construção de uma ética ambiental, pela via da abertura, da sensibilidade, da sensorialidade, da diluição das fronteiras que delimitam o eu, colocando em foco a relação eu-outro (intersubjetividade). Quando falamos sobre a relação do humano com elementos não humanos, ou ainda, a relação humano-natureza, práticas New Age ganham foco por tornarem-se cenários que possibilitam experiências estéticas, possuindo efeitos sobre a criação de si e proporcionando a aprendizagem de outras formas de estabelecer relações entre os vivos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Maria Bethania (2012). Epistemologia e Saberes da Ayahuasca. Belém, Brazil: Eduepa

AMARAL, Leila (2000). Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes.

BONTEMPO, Marcio (2011). Ecovilas, Sustentabilidade e Consciência Planetária. Disponível em: https://mbecovilas.wordpress.com/2011/11/30/ecovilas-sustentabilidade-e-consciencia-planetaria

CAROZZI, Maria Julia (1999). Nova Era no Mercosul. Petrópolis: Vozes.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (2002). A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura e STEIL, Carlos Alberto (2008). A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. Ambiente e Sociedade. Campinas, Vol. XI, n.2, jul./dez.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura e STEIL, Carlos Alberto (2009). O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. Educação e Realidade. Porto Alegre, N. 34. Set./dez.

CHRISTIAN, D F (2003). Creating a life together: practical tools to grow Ecovillages and Intentional Communities. New Society Publishers, Gabriola Island.

DAWSON, J (2006) Ecovillages: new frontiers for sustainability. Green Books, Cambridge.

GEN. Global Ecovillages Network (2012). Disponível em http://gen.ecovillage.org. Acesso em outubro de 2012.

HOLMGREN, David (2013). Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Porto Alegre: Via Sapiens.

NGOLD, Tim (2010). Da transmissao de representacoes a educacao da atencao. Educacao. Porto Alegre, v.33, n.1, ja.-abr.

NGOLD, Tim (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 18, n. 37, jan./jun.,

NGOLD, Tim (2013). Redrawing Anthropology: materials, movements, lines. London: Ashgate.

JACKSON, H; SVENSSON, K (2002). Ecovillage Living: Restoring the Earth and Her people. Green Books, Cambridge.

LACROIX, Michel (1996). A ideologia new age. Lisboa: Instituto Piaget.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne (1991). Situated Learning: legitimate peripherical participation. Cambridge: University Press.

MEYER, Birgit (Ed.) (2009). Aesthetic Formations: media, religion, and the senses. New York: Palgrave Macmillian.

ORBE, Fernando Bárcena; BONDÍA, Jorge Larrosa; SANGRÁ, Joan-Carles Mèlich. Pensar la educación desde la experiência. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 40, 2006.

RABELO, Miriam C.M., SANTOS, Rita Maria Brito (2011). Notas sobre o aprendizado no candomblé. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.20, n.35, jan./jun.

TORRE CASTELLANOS, Renée de la (2012). Religiosidades nómadas: creencias y prácticas heterodoxas em Guadalajara. Mexico: Ciesas.

VAN DE PORT, Mattijs (2011). Ecstatic Encounters: bahian candomble and the quest for the really real. Amsterdam: University Press.

WALKER, L. (2005) Ecovillage at Ithaca. Pioneering a sustainable culture. New Society Publishers, Gabriola Island.